



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



MORRIS GLEITZMAN

• AUTOR MULTIPREMIADO •

Depois

Para fãs de *O Diário de Anne Frank*
e *O Rapaz do Pijama às Riscas*.

«Uma incrível
história de perda
e coragem.»

The Guardian



Para todos os pais

1

Depois de ter acordado e de me ter espreguiçado, como de costume, e de ter tirado a sujidade das unhas, como de costume, ouço vozes lá em cima no celeiro.

Muitas vozes.

O que não é nada habitual.

Sustenho a respiração no escuro e tento não fazer nenhum ruído de pânico.

Sabem quando há uma guerra e nos escondemos num buraco durante dois anos, para os nazis não nos encontrarem, e todas as noites um simpático senhor chamado Gabrieik nos traz comida e água e deita fora as nossas necessidades fisiológicas, e a única voz que ouvimos é a dele e também não queremos ouvir mais nenhuma, porque isso pode querer dizer que os nazis já sabem onde estamos e podem vir buscar-nos?

Pois, eu acho que os nazis vêm buscar-me.

As vozes lá em cima soam-me autoritárias e impacientes e zangadas.

Sento-me no colchão e tento, com dificuldade, ouvir o que estão a dizer. Tento perceber se estão a utilizar expressões nazis como «verme judeu» ou «dar-lhe um tiro naquela cabeça de

verme». Mas não consigo ouvir nada de jeito porque o meu buraco está debaixo de uma baia para cavalos e o *Dom* é um cavalo bem grande e abafa o som.

Esforço-me por ficar calmo e pensar em quem mais podem ser aquelas pessoas. Vizinhos da quinta ao lado a pedir alguns nabos? O coro da igreja local a tentar convencer o Gabriel a juntar-se a eles?

Olho para o relógio luminoso que o Gabriel me deu.

Seis e cinco.

Já é de noite. No meio do inverno. As pessoas normais nem sequer saem de casa no inverno, se puderem evitá-lo, e muito menos depois de escurecer.

Os homens lá em cima têm de ser nazis.

Tento fazer-me o mais pequeno possível dentro do buraco, mas não é fácil. Ultimamente, tenho crescido um bocado. Além disso, neste momento tenho o corpo completamente rígido de medo.

Era isto que eu estava sempre a temer. Era nisto que eu nunca queria pensar.

Porque é que os nazis tinham de vir hoje?

No meu aniversário.

Talvez estejam a fazer de propósito. Talvez tenham uma lista de aniversários de judeus. Talvez os nazis se divirtam ainda mais se matarem as pessoas nos dias dos seus aniversários.

Dá-me uma câibra na perna.

Au.

Esfrego-a o mais silenciosamente que consigo. Quem me dera que a palha deste colchão não fosse tão seca e ruidosa. Seria de pensar que, em 1945, já tivessem inventado uma palha mais silenciosa. E quem me dera não estar rodeado de coisas

que fazem barulho. As garrafas para fazer xixi e os livros da Richmal Crompton e pequenas peças mecânicas que o Gabriek me dá para eu explorar com as mãos quando a vela se apaga, e assim aprender qualquer coisa.

Toda esta aprendizagem vai ser desperdiçada se eu morrer agora.

Tento respirar muito devagarinho. Tento relaxar e distrair a mente pensando em coisas como o sistema de válvulas hidráulicas numa bomba de água manual.

Não resulta.

Continuo com medo.

Não só de me matarem. Tenho ainda mais medo do que pode acontecer ao Gabriek se os nazis me encontrarem aqui. Os nazis odeiam pessoas que protegem judeus. Também as matam, mas primeiro fazem-lhes coisas piores.

As vozes lá em cima parecem estar a discutir.

Continuo sem perceber o que dizem. Espero que o Gabriek esteja a contar aos nazis a história que combinámos, de como eles devem manter-se afastados da baía do *Dom*, porque o *Dom* é um cavalo muito temperamental e tem uma doença de pele contagiosa.

Isto não é verdade, mas temos de mentir aos nazis, é a única maneira.

Tento outra coisa para evitar entrar em pânico. É aquela coisa que faço quando sinto muita solidão ou medo ou preocupação. Fecho os olhos e finjo que sou o William dos livros da Richmal Crompton. Que estou a viver aventuras nos bosques com os meus amigos. A cozinhar em fogueiras ao ar livre ou a construir casas nas árvores ou a inventar sistemas de irrigação para ajudar as formigas a cultivar campos.

Agora que já tenho 13 anos, talvez já seja um pouco velho para isso, mas não quero saber.

O pior é que também não está a resultar.

Ouçõ um som lá em cima. Um som alto e metálico. Conheço esse som. É a patilha de segurança de uma arma.

Fico agoniado.

Penso numa história que a mãe me lia quando eu era pequeno. Sobre um rato do campo que ia ser morto por um dragão. Em vez de se esconder cobardemente entre as ervas, o rato decidiu olhar a morte nos olhos.

Aposto que foi o que os pais fizeram quando os nazis os assassinaram no campo da morte.

É isso que já decidi fazer se os nazis me assassinarem. Vou ficar com os olhos abertos e olhar a morte nos olhos, como os pais fizeram.

Além disso, se houver uma oportunidade de fugir, eu hei de vê-la.

As vozes lá em cima continuam a subir de tom. Uma delas é, sem dúvida, do Gabriek. E agora também já ouço melhor as outras vozes.

Espera lá.

Estão todos a falar em polaco. Os nazis normalmente falam em alemão. É muito raro eles falarem em polaco.

O que se passará?

Procuo os óculos, ponho-os e puxo levemente a pega do sistema de segurança que o Gabriek construiu. A porta do alçapão abre-se só um bocadinho por cima da minha cabeça.

Espero que os cocós de cavalo caiam para dentro do buraco, como acontece sempre, e depois ajoelho-me cuidadosamente e espreito.

Quase desmaio.

Mesmo à minha frente, pousado no chão entre as patas traseiras do *Dom*, está um pequeno pacote, embrulhado num dos lenços do Gabriek e atado com um cordel.

Uma prenda de anos.

O Gabriek deve tê-la deixado ali para eu ter uma surpresa quando saísse mais tarde para a refeição da noite.

Se algum dos nazis o vê, estou acabado.

Abro a porta do alçapão mais um milímetro, agarro a prenda e meto-a no bolso.

Depois espreito outra vez, para me certificar de que ninguém me viu.

Tenho os óculos embaciados e rachados, e as pernas traseiras do *Dom* bloqueiam-me uma parte da visão, mas ainda consigo ver o que está a passar-se.

Só que não percebo o que estou a ver.

Há seis homens à volta do Gabriek. Todos têm armas e tochas, mas não têm uniformes nazis, têm roupas normais. E parecem demasiado agressivos e furiosos para serem vizi-nhos esfomeados ou elementos chatos do coro.

Quem são eles?

Porque estão tão zangados com o Gabriek?

Há outra pessoa que fica à vista. Deve ter estado ali o tempo todo, mas eu não conseguia vê-la atrás do corpo possante do *Dom*.

Olho-a fixamente.

Mãe?

Tenho uma tontura com o choque e a corda escorrega-me da mão, mas consigo voltar a agarrá-la mesmo a tempo de evitar que a porta se feche com estrondo sobre o alçapão.

Olho ainda mais fixamente.

Não é a mãe. É só uma mulher que parece a mãe quando a mãe era mais nova. Especialmente porque está a usar um lenço vermelho parecido com os que a mãe usava. Mas esta mulher deve andar nos vintes e a mãe seria bastante mais velha, se não estivesse morta. Além disso, a mulher está a usar um casaco de cabedal e tem uma arma ao ombro, e a mãe não gostava de casacos de cabedal nem de armas.

Um dos homens agarra o Gabriek pelo braço e puxa-o em direção à porta.

O Gabriek não oferece resistência.

Percebo o que está a passar-se.

Sejam quem forem estas pessoas, elas não sabem que estou aqui. O Gabriek está a sair com elas para me proteger.

Toda a gente abandona o celeiro, o Gabriek, os homens e a mulher.

Fecho a porta do alçapão e volto para o meu colchão. Estou a tremer muito e não é por causa de estar sempre frio neste buraco.

Já adivinhei quem são aquelas pessoas.

A polícia secreta polaca.

Fiquei a saber da polícia secreta polaca por um dos jornais velhos que o Gabriek me dá para tentar secar alguma da humidade que há aqui no buraco.

A polícia secreta polaca está do lado dos nazis. Um dos serviços que eles fazem aos nazis é prender trabalhadores escravos polacos que tenham fugido da Alemanha.

O Gabriek era um trabalhador escravo e conseguiu fugir da Alemanha.

Na minha imaginação, peço ajuda à Richmal Crompton. Para que o Gabriek possa escapar de novo.

— Felix.

Dou um salto, espantado.

É a voz do Gabriek.

Até foi rápido.

— Ouve, Felix — diz o Gabriek baixinho.

Deve estar agachado junto à porta do alçapão para que mais ninguém consiga ouvi-lo.

— Não posso trazer-te já o teu jantar de aniversário — diz ele. — Vou ter de sair durante um bocado com os nossos convidados.

Ouço o som do balde do *Dom*.

Cai-me o coração aos pés.

Afinal, o Gabriek não escapou. Deve ter dito à polícia secreta que tinha de voltar ao celeiro durante um momento para deixar comida ao *Dom*. Para poder tentar secretamente acalmar-me.

— Estás a ouvir-me? — pergunta ele. — Felix?

— Sim — respondo.

— Tenta dormir mais um pouco — diz o Gabriek. — Ou aprender qualquer coisa.

Ouço o *Dom* a meter a cabeça no balde outra vez, mas já não ouço mais nada do Gabriek.

Deve ter saído e voltado para a polícia secreta.

Que vai entregá-lo aos nazis.

O coração dói-me de preocupação.

Não quero que o Gabriek se sacrifique para me proteger.

Se os nazis me apanharem, só me dão um tiro. Mas quando apanham trabalhadores escravos fugitivos, magoam-nos muito e penduram fotografias dos seus corpos mutilados, lá na Alemanha, como um aviso para os outros trabalhadores escravos que lá estão.

Era o que vinha no jornal.
Não quero que façam isso ao Gabriel.
Por isso não tenho alternativa.
Tenho de tentar salvá-lo.

2

Depois de escutar durante uns momentos, para ter a certeza de que a polícia secreta não tinha voltado ao celeiro, fui salvar o Gabriek.

Ou tentei.

A porta do alçapão não se abria.

Já sabia porquê. O *Dom* devia estar em cima dela. Quando temos um cavalo em cima da porta do nosso alçapão, é melhor esquecer qualquer tentativa de sair, não vamos conseguir.

Puxei a corda da porta, com urgência, mas de uma maneira especial que faz com que a fechadura faça ruído. É um sinal entre mim e o *Dom*.

Ouço um barulho que me diz que o *Dom* saiu de cima da porta do alçapão.

Abro-a e subo para fora do buraco.

Au.

Dói-me sempre quando tenho de trepar lá para fora. Quando vivemos num buraco, as nossas pernas ficam fracas e doem-nos porque os músculos deixam de crescer como deve ser, mesmo que todas as noites façamos um passeio de trinta minutos à volta do celeiro, como eu faço.

— Obrigado, *Dom* — digo, e faço-lhe uma festinha.

Tenho sorte de ter um amigo como ele.

Vejo no brilho dos seus olhos que ele quer ajudar-me a salvar o Gabriek. Por momentos, sinto-me tentado. O *Dom* é um cavalo de trabalho e não é assim tão rápido, mas montá-lo seria sempre mais rápido do que tentar apanhar a polícia secreta com umas pernas como as minhas.

Só que a minha única esperança é que ninguém me veja enquanto vou pensando numa maneira de fazer o salvamento. E seria muito difícil esconder um cavalo enorme como o *Dom*, mesmo sendo de noite.

— Desculpa, *Dom* — digo-lhe.

O *Dom* resfolega baixinho e vejo que me compreendeu. Também vejo que está a dizer-me qualquer coisa com o seu bafo, que é branco contra o ar gelado.

— Boa ideia — concordo. — Obrigado.

Pego num dos meus cobertores que ficou no buraco. Depois fecho a porta do alçapão, despeço-me do *Dom* e certifico-me de que a porta da sua baia fica bem fechada.

Enquanto corro para a porta do celeiro, tento ansiosamente ouvir o som de um motor. Se a polícia secreta veio de carro, não tenho hipótese. Chegarão com o Gabriek a uma masmorra dos nazis na vila antes que eu consiga sequer chegar ao portão da quinta.

Mas não ouço motores nenhuns, nem sequer à distância.

Felizmente, uma coisa que realmente se torna melhor quando vivemos num buraco é a nossa audição. Bem, são duas coisas, porque também ficamos bastante bons a ver no escuro.

O que é bom para mim, porque os meus óculos estão rachados, e eu já os uso desde os dez anos, e por isso às vezes as coisas parecem-me um bocado desfocadas.

Começo a abrir a porta do celeiro, mas depois paro.

Já não saio deste celeiro há dois anos.

De repente, tenho medo.

Mas recordo-me de que o Gabriek precisa de mim. Não tive oportunidade de salvar os pais dos nazis. Nem a Zelda, nem o Barney, nem a Genia. Mas tenho uma oportunidade com o Gabriek.

Saio.

Paro outra vez.

Lá fora é tudo enorme.

O céu não tem fim e está cravejado de estrelas.

Já não via uma coisa assim há muito tempo, nem mesmo em todas aquelas vezes, lá no buraco, em que fechava os olhos e os apertava com os punhos, só para me distrair.

Mas agora não estou aqui para arranjar distrações.

Espreito o caminho que vai dar ao portão da quinta. Não há luzes de carros, nem tochas, nem nada. Verifico os campos em volta, para lá dos tocos de abóbora gelados que brilham ao luar.

Ali. Do outro lado do campo. Sombras escuras movem-se por entre os tocos.

Mas aquela é a direção errada.

Porque é que levam o Gabriek na direção oposta à da vila?

Claro. Devem estar a dirigir-se para a floresta. Os nazis gostam de matar pessoas nas florestas. Acho que é para evitar que os cemitérios da vila fiquem lotados. Provavelmente, acontece o mesmo quando os nazis querem magoar as pessoas. Provavelmente, fazem isso nas florestas também para as pessoas da vila não acordarem com os gritos de dor.

Esta noite os nazis devem ter atividades de matar e magoar na floresta, e por isso é que a polícia secreta está a trabalhar até tarde.

Embrulho-me no cobertor e vou atrás deles.

*

Doem-me as pernas.

Não me importo, porque estou a conseguir manter a distância das sombras que avançam rapidamente pelos campos à minha frente.

Vou rezando para a polícia secreta não me ouvir e não se virar para trás.

Por favor, Richmal Crompton, faz com que aquela polícia secreta não tenha tido treino especial para melhorar a sua audição.

Quem me dera ter umas botas melhores. Os campos estão gelados e duros. Mas não me queixo. As pessoas dos buracos devem deixar as melhores botas para aquelas que têm de correr para salvar a vida, e assim é que é justo.

Nenhum dos que vão lá à frente parece estar a correr para salvar a vida. Nem parece empatar, nem ser arrastado. O Gabriek deve estar a colaborar. Provavelmente, para levar a polícia secreta para o mais longe possível do celeiro.

Tento manter a respiração regular, para ter oxigénio suficiente para as minhas pernas continuarem a acompanhá-los.

É difícil respirar como deve ser quando o ar está tão frio. E quando pensamos numa pessoa como o Gabriek a ser mutilado ou aleijado. Uma pessoa querida, corajosa e amável que todos os dias arrisca a sua segurança para proteger um miúdo que nem sequer é seu filho verdadeiro.

Quem me dera que o Gabriek tivesse algumas armas que o ajudassem a fugir. Mas ele não se interessa por armas. Só se interessa por arranjar coisas. É um génio a fazê-lo. Máquinas, equipamento dos animais, objetos elétricos, tudo exceto armas.

Se a minha melhor amiga, a Zelda, o tivesse conhecido, chamar-lhe-ia uma pessoa arranjadora. A Zelda só tinha 6 anos, mas tinha o coração amoroso de uma pessoa de 10 e sabia ver quando uma pessoa era boa.

Essa é outra razão pela qual o Gabriek tem de continuar em segurança. Neste momento, o mundo precisa de todas as pessoas arranjadoras que puder encontrar. Já há por aí demasiadas pessoas que só estragam coisas.

Bem, eu cá sou uma pessoa imaginativa e vou usar a minha imaginação para encontrar uma forma de evitar que os nazis magoem o Gabriek.

Posso fazê-lo, sei que posso, desde que aquela polícia secreta se mantenha ao largo, onde posso vê-los, e não se metam na floresta.

Meteram-se mesmo na floresta.

Ali vai ser bastante mais difícil segui-los.

Até agora eram só campos e campos e campos. Todos lisos. Todos iluminados pelo luar.

Agora são árvores e árvores e árvores. O carreiro da floresta é escuro e ventoso e inclinado, e não vejo o suficiente para a frente para poder segui-los. Além disso, as florestas não são tão frias como os campos e não há nenhum gelo no chão, onde fiquem pegadas. Nem a minha boa audição está a ajudar-me.

Nem pegadas, nem vozes, nada.

Pelo menos, isso pode querer dizer que ainda não começaram a magoar o Gabriek.

Tenho de os encontrar. Já pensei numa maneira de salvar o Gabriek e tenho de a pôr em prática antes que seja tarde demais.

Antes de ficar demasiado assustado e mudar de ideias.

Quem me dera que houvesse outra forma, mas não há. Todas as minhas outras ideias de salvamento envolvem combates sem armas e avalanchas e fogos florestais. E eu não sou muito bom em nenhuma dessas coisas, porque dentro de um buraco não temos muitas oportunidades de as praticar.

Portanto, vou usar uma coisa em que sou bom.

Uma história.

Quando encontrar a polícia secreta, vou entregar-me. Depois vou contar-lhes uma história acerca de como o Gabriek é um brilhante caçador de judeus, que anda há meses atrás de mim, a perseguir-me. E de como eu já não aguento mais e quero render-me.

Claro que não é verdade, mas tenho esperança de que os nazis gostem deste tipo de histórias. Tenho esperança de que perdoem a um trabalhador escravo polaco por ter fugido, quando souberem que ele anda incansavelmente a caçar um judeu.

Acho que sim. Há dois anos, ouvi um nazi dizer que valia mais um judeu morto do que dez trabalhadores escravos.

Tenho a certeza de que o Gabriek vai perceber o que eu vou fazer. É aquele jogo das histórias que costumamos fazer juntos no celeiro, quando eu começo a contar uma história e ele tem de pensar na parte seguinte.

O Gabriek é um excelente contador de histórias, o que é bom porque a parte dele da história vai ser muito importante.

Ele vai ter de dizer aos nazis que quer terminar o que começou e ser ele próprio a matar-me. Tem de dizer que precisa de me levar para outro lado da floresta onde o solo é mais mole, para eu poder cavar a minha própria sepultura. E que os nazis

podem dar a noite por terminada e ir para casa tomar uma bebida quente, enquanto nós terminamos as coisas.

E então, depois de eles partirem, nós poderemos fugir.

Tenho quase a certeza de que o Gabriek vai conseguir inventar essa parte da história. Espero que sim, porque se não o fizer...

Que é aquilo?

Luzes por entre as árvores, ao fundo daquela colina.

Tochas.

Por favor, Richmal Crompton, se é ali o sítio em que os nazis fazem mal às pessoas, não me deixes chegar lá tarde demais.

Deslizo pelas ervas até conseguir ver o sopé da colina.

Oh, não.

Lá em baixo, a brilhar ao luar, está uma linha de comboio que atravessa uma enorme ponte de madeira. Os da polícia secreta estão todos em volta do Gabriek, que está de joelhos, com a cabeça junto ao chão e os braços esticados sobre os carris.

Isto é horrível.

Consigno perceber exatamente o que está a acontecer.

Os nazis e os seus cúmplices já mataram tanta gente nesta guerra que ficaram cansados de o fazer sempre da mesma maneira e agora procuram novas formas, mais divertidas, de o conseguir. Como porem alguém deitado em cima dos carris daquela forma para que um comboio lhe arranque os braços.

E eu já estou a ouvir um comboio. À distância. A aproximar-se.

Tenho de salvar o Gabriek agora.

Mas hesito.

Há o risco de os nazis nem sequer esperarem pela parte da história do Gabriek. Há o risco de ouvirem só a minha parte e de me matarem logo ali.

É um risco que tenho de correr.

A mim o que me parece é que não tenho a certeza do que acontece quando morremos, mas, seja o que for que me aconteça, já aconteceu antes ao pai e à mãe.

Por isso, de certa forma, se eu morrer, vou estar com eles.

E com a Zelda.

O que me faz sentir com menos medo. Desde que me matem depressa. E desde que o Gabriel não tenha de assistir, porque ele já sofreu o suficiente.

Por um momento, não me mexo. Imagino os pais a abraçarem-me ao mesmo tempo.

Depois levanto-me e corro pela encosta abaixo.

— Não! — grito para a polícia secreta. — Não lhe façam mal. Eu rendo-me.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



«Depois de os nazis levarem os meus pais, fiquei com medo.
Depois de matarem a minha melhor amiga, fiquei com raiva.
Depois de estragarem o meu aniversário, decidi chegar à floresta, unir forças com o Gabrieik e a Yuli, derrotar os nazis.»

Estamos em 1945 e Felix, um rapaz judeu de 13 anos, vive há dois anos escondido na quinta do seu amigo Gabrieik. Até ao dia em que esta é incendiada. Fogem então para a floresta e juntam-se aos resistentes, um grupo armado que luta contra os nazis.

É ali que Felix conhece Yuli, uma jovem determinada e corajosa, com quem faz amizade, e torna-se assistente do doutor Zajak, um cirurgião experiente.

De repente, por todo o lado surgem sinais de que a guerra terminou. Volta a ser tempo de partir. Os acontecimentos precipitam-se e os reencontros sucedem-se. Felix vai ter de optar entre vingar os mortos que amou ou ajudar os vivos que vai conhecendo.

Neste livro emocionante, o medo, a esperança e a solidariedade convivem em igual medida. Ninguém está preparado para o final comovente e inesperado, e ninguém esquecerá a história incrível de Felix.


fábula
imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-888-0

13+



9 789897 078880

Literatura Juvenil